

Evocar, neste livro de homenagem, António Lopes Cardoso é, para mim, antes de mais, recordar um grande, querido e saudoso amigo, cuja morte representou uma grande perda e um grande vazio. A sua presença foi, porém, tão forte que é como se ainda perdurasse entre nós. Frequentemente dou por mim a pensar: “que acharia o Lopes Cardoso disto? como avaliaria esta pessoa ou este comportamento? como reagiria a tal acontecimento?”

Figura e referência moral era-o no sentido mais natural e autêntico da palavra. Não alardeava qualquer superioridade nem reivindicava qualquer estatuto. Referência moral era-o, de facto e naturalmente, pelo exemplo constante que dava, pelo rigor e pela integridade de carácter, pela coerência de comportamento, pelo desinteresse pessoal, pela dedicação àquilo em que acreditava, pela fidelidade a si mesmo e pela lealdade aos outros, pela frontalidade e pela coragem das atitudes, pela honradez da palavra, pela confiança que inspirava e merecia.

Nunca conheci ninguém que, mais do que ele, vivesse a política com inteireza, como serviço prestado à comunidade, sabendo conciliar pragmatismo e flexibilidade com princípios e firmeza.

Numa discussão, numa negociação, numa decisão, sabia-se que havia uma linha que ele não passava nem deixava passar. Essa era a linha a partir da qual se punham em causa princípios, valores ou convicções fundamentais.

Nesse sentido, pode falar-se de Lopes Cardoso como de um homem de antes quebrar que torcer, um homem de bem e um homem bom, um homem verdadeiramente acima da qualquer suspeita. Nada o fazia negar a verdade ou afirmar a mentira.

E, no entanto, era um político com os pés bem assentes na terra, competente, hábil e sagaz, atento e informado, sabendo muito bem levar a água ao seu moinho, e com um grande sentido da importância, na política, das relações pessoais, que aliás cultivava em vários quadrantes e meios. Era, além disso, um planeador de acções e conspirações, um trabalhador metódico e determinado.

Começou na política muito jovem. Depois de ter frequentado o Liceu Camões, foi para o Instituto Superior de Agronomia, onde, logo no início dos anos 50, se tornou um activista do movimento associativo e um opositor à ditadura.

Foi Presidente da Associação de Estudantes de Agronomia e, depois, Presidente da Comissão Inter-Associações de Estudantes (RIA), cargo que eu próprio ocuparia alguns anos mais tarde. Em 1958, teve um papel de destaque na Comissão de Juventude da Candidatura do General Delgado. Agrónomo distinto, fez estudos de pós-graduação em Paris, em 1959. No ano seguinte, de regresso a Portugal, representa o grupo da revista “Seara Nova” na Junta Patriótica Central, incumbido das ligações aos militares. Na noite da passagem do ano de 1961 para 1962, participa no golpe de Beja, sendo preso a seguir. Ainda em 1962, vai para o exílio, primeiro em Paris, depois em Marrocos, depois novamente em Paris, e a seguir no Brasil, até 1971. Sempre apoiado pela Fernanda, sua companheira dedicada, nestes países, para além de uma intensa actividade política, faz, como agrónomo, investigações e trabalhos notáveis. Foi exactamente em Paris, em 1968, que o conheci pessoalmente, numa reunião da Oposição, em que estavam presentes Álvaro Cunhal, Piteira Santos, Sottomayor Cardia, Bénard da Costa, Pedro Ramos de Almeida, Manuel Sertório, Sérgio Vilarigues, Virgínia de Moura, Maria Eugénia Varela Gomes, entre outros. Impressionou-me logo pelo

vigor da sua personalidade, pela sua clareza de raciocínio, pela lucidez de propósitos, pela autenticidade que punha em tudo o que dizia e fazia.

Em 1971, regressa a Portugal e torna-se assistente, no Instituto Superior de Agronomia, do Prof. Henrique de Barros, de quem era discípulo e grande amigo. Continua a pertencer à “Seara Nova”, onde o encontrava. Em 1973, logo a seguir ao seu Congresso fundador, Lopes Cardoso entra no PS, levado pela mão de Sottomayor Cardia. Depois do 25 de Abril, é conhecida a grande actividade que desenvolveu, com coragem e brilho. Dirigente de destaque do PS, foi líder do grupo parlamentar na Assembleia Constituinte e, depois, Ministro da Agricultura, no VI Governo Provisório e no I Governo Constitucional. Discordando das novas orientações de política agrária do PS, demite-se do Governo e depois do Partido, permanecendo como deputado independente. Funda a Fraternidade Operária que, em 1978, passa a UEDS, partido que, em 1980, haveria de integrar, com o PS e a ASDI de Sousa Franco, a FRS (Frente Republicana e Socialista). Em 1985, Lopes Cardoso regressa ao PS. Embora tenha sempre mantido conversas e contactos com ele, ou directos ou mediados

pelo inesquecível e querido César Oliveira, nosso amigo comum, é a partir do seu regresso ao PS que a relação comigo se estreita, passando, quer no Partido quer na Câmara Municipal, a poder contar com a sua preciosa, permanente e para mim tão honrosa colaboração.

Em todos os cargos públicos ou funções políticas, Lopes Cardoso foi igual a si mesmo: desempenhou-os com convicção, com coragem, com determinação, às vezes mesmo com teimosia. Quando achava que lhe pediam para violar a sua consciência, dizia “não” ou saía. No entanto e embora tendo opiniões claras sobre acontecimentos e comportamentos, não confundia motivações políticas e razões pessoais. Assim, por exemplo, apesar de ter saído do PS num processo doloroso, que deixou marcas, não hesitou um momento em integrar, algum tempo depois, a FRS, por considerar que tal era benéfico para esquerda e útil para o País. Do mesmo modo, preservou as relações com Mário Soares, assumindo as divergências mas também os pontos de acordo e apoio.

As minhas relações com António Lopes Cardoso foram sempre marcadas pela confiança total, pela franqueza, pela simpatia mútua, pela amizade e, da minha parte, por um respeito ilimitado. Quando, em 1978, eu e os meus amigos do GIS aderimos ao PS, tive o cuidado de lhe explicar, para que não houvesse equívocos, que não o fazíamos com o propósito (como chegaram a referir alguns comentadores) de ocupar os lugares na ala esquerda “vagos” com a saída dele. Disse-lhe, pelo contrário, que tinha muita pena que ele tivesse saído e incitei-o mesmo a regressar, como aconteceu mais tarde.

Quando fui Secretário-Geral do PS e Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, tive, como disse, o privilégio de poder contar com a sua colaboração dedicada e inteligente. Por natureza discreto e modesto, o seu papel foi, em muitas ocasiões e sem que se soubesse, fundamental. Assim acontecia, por exemplo, nas complexas negociações que, na Câmara e no seio da coligação, era preciso fazer com o PCP.

Na campanha da minha candidatura a Presidente da República, teve também um papel essencial, ocupando-se, entre outros

assuntos, do pelouro das Finanças, de que se desempenhou com uma transparência, um rigor e uma seriedade verdadeiramente exemplares. Depois da eleição presidencial, contei com a sua colaboração como meu assessor, tendo-se ocupado, nomeadamente, das relações com o Parlamento, onde era respeitado pelos deputados de todos os grupos parlamentares.

Pelo prestígio unânime de que desfrutava, pelas qualidades humanas e pela sua autoridade moral e política, António Lopes Cardoso era um verdadeiro “senador” da República. O país deve-lhe muitos e notáveis serviços.

Depois de uma doença terrível, que ele enfrentou com a coragem que lhe era própria, morreu no dia 9 de Junho de 2000. Ausente de Lisboa, para presidir ao Dia Nacional que se realizou em Viseu, não me foi possível estar presente no seu funeral, realizado a 10. Não preciso de dizer quanto isso me fez sofrer intimamente. Tive-o constantemente no pensamento e no coração nesse Dia de Portugal a que ele já não pôde assistir.

Como disse no início desta evocação que é também uma homenagem, lembro-me muitas vezes do António Lopes Cardoso. Dos seus conselhos, da sua lucidez, integridade, firmeza e dignidade. Sinto que o seu exemplo continua presente. Acontece isso apenas com aqueles homens e com aquelas mulheres que nos marcaram para sempre. Foi, para mim, o caso de António Lopes Cardoso, querido amigo, cidadão exemplar e grande português.

Jorge Sampaio